



*CADA CORPO É UM LIVRO DE SANGUE;  
SEMPRE QUE NOS ABREM A IMPRESSÃO  
É VERMELHA.*

**Clive Barker**

**LIVROS DE SANGUE**

**1**

Tradução de  
Aulyde Soares Rodrigues

Título Original BOOKS OF BLOOD — Volume One

Copyright © 1984 by Clive Barker (Publicado mediante acordo com SPHERE BOOKS LTD.)

Copyright da tradução © 1990  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Desenho de capa: FELIPE TABOREDA

Composição Arte line Produções Gráficas Ltda.

ISBN: 85-200.0065.7

1990

Todos os direitos reservados pela  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.  
Rua Benjamin Constant, 142 / 20.141 Rio de Janeiro RJ Tel (021) 2211132) Telex (21)  
38874 BESI BR Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida seja de que forma for, sem a  
prévia autorização por escrito dos editores.

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

*Notas da orelha do livro:*

Clive Barker nos dá evidência, aqui.. de que seu extraordinário sucesso de crítica e de público nos países da língua inglesa não foi alcançado pelo simples bafejo da sorte. Ele o conseguiu pela notável soma de qualidades que o fazem tornar plausíveis as mais fantásticas ou abomináveis personagens e situações. Seus fantasmas, seus mortos-vivos (efetivamente *mortos* mas terrivelmente *vivos*), não nos trazem à memória as risíveis palhaçadas que Hollywood nos impõe em suas produções “classe B”, sendo antes assustadoras materializações do sobrenatural que injetam adrenalina em nosso sistema sanguíneo, aceleram o batimento cardíaco e nos deixam de cabelos em pé e com suores frios nas palmas da mão.

Há muita violência e horror nos escritos do jovem autor inglês, mas elaborados com

engenho e arte, numa riqueza detalhista que diríamos quase barroca, temperados com boa dose de erotismo e servidos por uma linguagem viva e trepidante como o dia-a-dia que vivemos nos aflitos e apressados tempos de hoje.

Os seis contos — noveletas ? — que este volume inicial contém são inesquecíveis, mas admitem constante releitura, a cada uma delas revelando novas e angustiantes facetas. Estes LIVROS DE SANGUE não se destinam, portanto, a leitores de coração fraco e sem imaginação: eles têm o impacto de pesadelos enfrentados à luz do dia.

*Á minha mãe e a meu pai*

## Agradecimentos

Devo agradecer a muitas pessoas. Ao meu professor particular de inglês em liverpool, Norman Russell, pelo encorajamento inicial; a Pete Arkins, Julie Blake, Doug Bradley e Oliver Parker pelo encorajamento posterior: a James Burr e Kathy York pelos bons conselhos a Bill Henry, pela apreciação profissional; a Ramsey Campbell por sua generosidade e seu entusiasmo; a Mary Roscoe, pela trabalhosa tradução dos meus hieróglifos a Matie-Nolle Dada pelo mesmos a Vernon Conway e Bryn Newton por sua Fé, Esperança e Caridade: e a Nann du Sauroy e Barbara Boote da Sphere Books.

## Sumário

### Introdução

O Livro de Sangue

O trem de Carne da Meia-noite

O Yattering e Jack

*Blues*, do Sangue de Porco

Sexo, Morte e luz das Estrelas

Nas Colinas, as Cidades

### Introdução

de Ramsey Campbell

“A criatura havia agarrado seu lábio e arrancado o músculo do osso, como quem retira as camadas de um mil-folhas.”

Estão me entendendo?

Eis aqui outra pitada do que se pode esperar de Clive Barker. “Cada homem, mulher e criança naquela torre de horrores era cego. Viam somente através dos olhos da cidade. Não tinham mente pensante, a não ser para pensar os pensamentos da cidade. E acreditavam que eram imortais, na sua força implacável e pesada. Vasta, louca e imortal”.

Podem ver que Barker é um visionário tão cheio de recursos, quanto um escritor impressionante. Permitam-me mais uma citação, de outra história:

“O que seria uma Ressurreição sem um pouco de riso?” Cito deliberadamente, como uma advertência aos leitores de coração fraco. Se gostam duma tranqüilizadora ficção de horror, bastante irreal para não *ser* levada muito a sério, e suficientemente familiar para não distender em excesso a imaginação e não despertar pesadelos que acreditavam estar dormentes, estes livros não são para vocês. Porém, se estão cansados de histórias que provocam o sono, deixando a luz acesa ao partir, para não mencionar a ciranda das Boas Histórias Bem Contadas que nada mais têm a oferecer além de idéias furtadas de bons escritores de contos de horror desconhecidos dos leitores de *best-sellers*, vão se alegrar, como me alegrei, ao descobrir que Clive Barker é o mais original autor do gênero que já apareceu nos últimos anos, e, no melhor sentido, o mais profundamente chocante nesse campo da literatura.

A história de horror, de um modo geral, é supostamente reacionária. Sem dúvida, alguns dos seus melhores escritores o foram, mas essa tendência produziu também uma grande quantidade de absurdos irresponsáveis, e não há nenhum motivo para que todos nesse campo olhem para trás. Quando se trata de imaginação, as únicas regras devem ser os próprios instintos, e Clive Barker jamais nos desaponta. Dizer, como dizem alguns escritores de histórias de horror (em atitude defensiva, na minha opinião), que esse gênero preocupa-se fundamentalmente em nos fazer lembrar o que é normal, mostrando o sobrenatural e o estranho como algo anormal, não é muito diferente de dizer (como parecem pensar alguns editores) que a ficção de horror *deve* tratar de pessoas comuns enfrentando o mundo estranho. Graças a Deus ninguém convenceu Poe disso, e também por haver escritores tão radicais quanto Clive Barker.

Não que ele seja necessariamente contrário a temas tradicionais, mas estes aparecem transformados, quando trabalhados por ele: *Sexo, Morte e Luz das Estrelas* é a mais fantasmagórica história de teatro. *Restos-Humanos*, uma variação brilhante e original do tema do *doppelgänger*\*, mas alcançando, mais do que nunca, conclusões tanto cômicas quanto estranhamente otimistas. O mesmo se pode dizer de *Novos Assassinatos na Rua Morgue*, uma assustadora e otimista comédia do macabro, mas no território mais desafiador da franca atitude radical que Barker tem em relação ao sexo. O que exatamente essas e outras histórias nos dizem sobre possibilidades ficcionais, deixo ao julgamento dos leitores. Já disse que estes livros não são para os fracos, nem para os sem imaginação, e recomendo que isso seja mantido na lembrança ao se aventurarem por histórias como *O Trem de Carne da Meia-noite*, um conto fantástico em tecnicolor, que relembra filmes de horror explícito, porém muito mais espirituoso e vívido do que qualquer um deles. *Bodes Expiatórios*, seu conto com uma ilha de terror, usa realmente esse elemento básico das películas e dos videocassetes do gênero, o zumbi submarino; *Filho de Celulóide* enfrenta diretamente um tabu biológico, com um realismo digno dos filmes de David Cronenberg, mas deve-se acentuar que a força real da história está no seu fluxo inventivo. O mesmo acontece com *Nas Colinas, as Cidades* (que contradita a idéia adotada por muitos de seus colegas, a de que não existem histórias originais no gênero), e *As Peles dos Pais*. A fertilidade criativa nos lembra os grandes pintores fantásticos e, na verdade, não sei de nenhum outro autor do gênero mais digno de ser ilustrado. E ainda há mais: o apavorante *Blues do Sangue de Porco*, e *Pavor*, que anda na trêmula corda bamba entre claridade e voyeurismo, risco inerente a qualquer tratamento do tema do sadismo; há muito mais, mas acho que já está mais do que na hora de deixar o caminho livre para os leitores.

\* *Doppelgänger* = o suposto fantasma de uma pessoa viva. (N. da t)

Aqui temos quase um quarto de milhão de palavras (espero que comprem ou tenham comprado os três primeiros volumes da série, pois Barker os escreveu como um único livro), sua própria escolha do melhor de dezoito meses de trabalho, contos escritos à noite, enquanto, durante os dias, ele escrevia peças de teatro (as quais, a propósito, tiveram casas cheias o tempo todo). Para mim é um feito espantoso, e a mais impressionante estréia na ficção de horror dos últimos anos.

Merseyside, 5 de maio, 1983

## O Livro de Sangue

Os mortos têm suas estradas.

Por elas transitam filas constantes de trens-fantasmas, carruagens de sonhos, atravessando a terra árida atrás das nossas vidas, com o tráfego infindável das almas que partiram. Seu ritmo monótono e pulsante pode ser ouvido nos lugares devastados do mundo, através de fendas produzidas por atos de crueldade, violência e depravação. Sua carga, os mortos errantes, pode ser vista de relance quando o coração está a ponto de explodir, e visões que deviam estar ocultas surgem definidas.

Tem placas indicadoras, essas estradas, assim como pontes e acostamentos. Tem postos de pedágio e cruzamentos.

É nessas intersecções, onde multidões de mortos se encontram e se cruzam, que tais estradas proibidas têm mais probabilidade de penetrar nosso mundo.

O tráfego é denso nos cruzamentos, e as vozes dos mortos mais penetrantes. Aí, as



barreiras que separam uma realidade da outra estão gastas e tênues, devido à passagem de incontáveis pés.

Uma das intersecções de estrada dos mortos ficava em Tollington Place, número 65. Apenas uma casa isolada, de falso estilo georgiano e fachada de tijolos, o número 65 não se destacava na paisagem. Uma casa velha, nada notável, despida da grandeza barata que ostentara no passado, há mais de dez anos encontrava-se vazia.

Não foi a umidade crescente que afugentou os inquilinos do número 65. Não foi o bolor no porão, nem a sucumbência do terreno, que abriera uma fresta larga na frente da casa, dos degraus de entrada até o beiral: foi o barulho do tráfego. No andar superior, o ruído daquele movimento era contínuo. Rachava o estuque das paredes e retorcia as vigas. Sacudia os vidros das janelas também. O número 65 da Tollington Place era uma casa mal-assombrada, e ninguém podia possuí-la por muito tempo sem ficar insano.

Em certo período de sua história, um horror fora cometido naquela casa. Ninguém sabia quando, nem o quê. Mas mesmo para o observador desavisado a atmosfera opressiva da casa, especialmente no andar superior, era evidente. Havia a lembrança e a promessa de sangue no ar do número 65, um cheiro que se instalava nas narinas e enjoava o estômago mais forte. A casa e as vizinhanças eram evitadas pelos insetos daninhos, pássaros e até pelas moscas. Nenhum cupim rastejava na cozinha, nenhum pardal fizera seu ninho no sótão. Fosse qual fosse a violência perpetrada, havia rasgado a casa de cima a baixo, como a barriga de um peixe, e através desse corte, daquele ferimento aberto diante do mundo, os mortos espiavam e comentavam o dia-a-dia.

Pelo menos era o que se dizia...

Era a terceira semana de investigação no número 65 da Tollington Place. Três semanas de sucesso sem precedentes na área do paranormal.

O Departamento de Parapsicologia da Universidade de Essex, utilizando como médium um novato naqueles estudos, um jovem de vinte anos, chamado Simon McNeal, havia registrado evidência quase inegável de vida depois da morte.

No quarto do último andar da casa, que não passava de um cubículo claustrofóbico, o rapaz McNeal aparentemente havia invocado os mortos e, a seu pedido, eles haviam fornecido vasta prova de suas visitas, escrevendo com centenas de caligrafias diferentes nas paredes amarelo claro. Ao que parecia, escreviam o que lhes vinha à cabeça no momento. Os nomes, é claro, datas de nascimento e de morte. Fragmentos de lembranças e desejos de boa sorte para seus descendentes vivos, frases estranhas e tortuosas, que insinuavam seus tormentos e lamentavam as alegrias perdidas. Algumas das caligrafias eram duras e feias, outras, delicadas e femininas. Havia desenhos obscenos e piadas não terminadas ao lado de versos românticos. Uma rosa mal desenhada. Um *jogo-da-velha*. Uma lista de compras.

Mortos famosos haviam comparecido àquele muro de lamentações — Mussolini estava lá, John Lennon e Janis Joplin —, e desconhecidos também, quase anônimos, haviam assinado ao lado dos figurões. Era uma lista de presença dos mortos, e aumentava a cada dia, como se a notícia estivesse se espalhando de boca em boca entre as tribos perdidas, atraindo todos para fora do seu silêncio e levando-os a inscreverem seus nomes nas paredes daquele quarto vazio, marcando sua sagrada presença.

Depois de uma vida inteira dedicada à pesquisa psíquica, a Dra. Florescu estava acostumada com a realidade do fracasso. Era quase uma sensação de alívio poder descansar confortavelmente, certa de que a evidência jamais se manifestaria. Agora, com aquele sucesso espetacular, sentia-se entusiasmada e confusa ao mesmo tempo.

Sentada, como tinha estado durante aquelas três semanas incríveis, no quarto principal

do andar do meio, um lance de escadas abaixo do quarto onde os mortos escreviam, ouvia o vozerio que vinha lá de cima com uma espécie de temor respeitoso, quase não acreditando que tinha permissão para estar presente àquele milagre. Tinha ouvido ruídos anteriormente, indicações tantalizantes de vozes de outro mundo, mas era a primeira vez que os habitantes daquela área insistiam em ser ouvidos.

No andar acima do seu os ruídos cessaram.

Mary consultou o relógio: seis e dezessete da tarde.

Por algum motivo só conhecido pelos visitantes, o contato nunca ia muito além das seis horas da tarde. Mary esperava até seis e meia e então subia. O que teria acontecido hoje? Quem teria ido ao quarto sórdido e apertado para deixar sua marca?

— Levo as câmaras para cima? — perguntou Reg Fuller, seu assistente.

— Sim, por favor — murmurou ela, absorta na expectativa.

— O que será que tivemos hoje?

— Vamos dar mais dez minutos ao rapaz.

— Certo.

Lá em cima, McNeal, recostado num canto do quarto, olhava o sol de outubro pela janela estreita. Sentia-se um tanto confinado, sozinho naquele lugar danado, mas assim mesmo pairava nos seus lábios aquele sorriso tênue e beatífico que derretia o coração mais acadêmico. Especialmente o da Dra. Florescu; oh, sim, a mulher estava apaixonada por seu sorriso, por seus olhos, pelo ar de desamparo manifestado só para ela...

Era um bom jogo.

Na verdade, a princípio fora só isso — um jogo. Agora Simon sabia que estavam jogando paradas muito mais altas; o que tinha começado como uma espécie de detector de mentiras havia se transformado numa competição séria: *McNeal versus a Verdade*. A verdade era simples: ele era uma fraude. Escrevia todas as “mensagens dos fantasmas” com pedacinhos de grafite que escondia sob a língua; batia nas paredes e fazia outros ruídos, gritava sem outra provocação que não a pura encenação fraudulenta; e os nomes desconhecidos que escrevia — ria-se só de pensar nisso — eram nomes tirados da lista telefônica.

Sim, era sem dúvida um jogo muito divertido.

Ela lhe prometia tanto, tentando-o com a fama, encorajando, sem saber, cada mentira que ele inventava. Promessas de riquezas, de aplaudidas entrevistas na televisão, de uma adulação que ele jamais havia conhecido antes. Desde que produzisse os fantasmas...

Outra vez aquele sorriso sedutor dominou seu rosto. Ela o chamava de seu Intermediário: um inocente transmissor de mensagens. Logo ela estaria ali — os olhos no corpo dele, sua voz quase chorosa com o entusiasmo patético por outra série de nomes e tolices rabiscadas.

McNeal gostava quando ela olhava para sua nudez, ou sua quase nudez. Fazia todo o trabalho vestindo apenas suas cuecas para eliminar a possibilidade de ter aparelhos escondidos. Uma precaução ridícula. Tudo de que precisava eram as pontas de lápis sob a língua, e energia suficiente para se mover e se debater por meia hora, gritando como um doido.

Estava suando. Seu peito se encontrava molhado de suor, o cabelo grudado na testa. Naquele dia o trabalho fora duro; não via a hora de sair do quarto, tomar um banho e se aquecer por algum tempo na admiração dos outros. O Intermediário enfiou a mão na cueca e começou a brincar com seus genitais, preguiçosamente. Em algum lugar do quarto uma mosca, certamente muitas estavam presas. Não era ainda a época das moscas, mas ele as ouvia muito perto. Zumbiam e se debatiam contra a janela, ou em volta da lâmpada. McNeal ouvia suas vozes fininhas de moscas, mas não as questionava, muito entretido nos pensamentos sobre o jogo, e no prazer simples de se acariciar.

Como zumbiam aquelas vozes inofensivas de insetos; zumbiam, cantavam e se

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

